

A velhice da mulher em quatro contos de Clarice Lispector

Carla Casarin Leonardi¹⁴⁰

Resumo

Clarice Lispector é uma autora cujo universo remete a questões metafísicas, sócio-históricas e psicológicas a partir de textos considerados de alta complexidade. Desde a sua estreia na cena literária dos anos 1940 com a publicação de *Perto do Coração Selvagem* (1943), deu grande destaque ao universo feminino, privilegiando personagens marginais. Ao abordar a velhice da mulher, não abriu mão de descrever e narrar aquilo que é escondido pela sociedade por não ser considerado belo – questão que dá origem à pesquisa de Iniciação Científica a que se refere aqui. O estudo, em andamento, tem o objetivo de analisar como o envelhecimento da mulher foi trabalhado em quatro contos de Clarice Lispector, sendo eles “Feliz Aniversário” (1960), “Os Laços de Família” (1960), “O Grande Passeio” (1971) e “A Partida do Trem” (1974). Para tal fim, parte-se da observação em cada conto de como a autora deu vida às personagens idosas que os protagonizam (a partir do ponto de vista das próprias idosas, mas também de outras personagens, quando for o caso), lançando luz para o contexto que ocupam e, mais à frente, destacando reiteraões, recorrências e singularidades mobilizadas em cada narrativa. Objetiva-se, assim, encontrar as principais linhas de força de cada conto, estabelecendo uma conversa intratextual entre eles. Além disso, pretende-se observar em que medida a representação da velhice nas narrativas estudadas se relaciona com a obra de Clarice Lispector como um todo, acrescentando novas visadas à fortuna crítica da autora. Este trabalho se justifica pela importância de percorrer um território ainda não esgotado pela crítica de um assunto de relevância social – a senilidade – que projeta luz sobre o conjunto da obra de Clarice Lispector, ao articular estilo, temática e alcance sociopsicológico na realidade brasileira dos anos 1960 e 1970 aos dias atuais.

Palavras-chave

Clarice Lispector; contos; personagens idosas

140 Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. É aluna da graduação em Letras (português/francês) na Universidade de São Paulo, onde desenvolve pesquisa de Iniciação Científica sendo bolsista da Fapesp. E-mail: carla.leonardi@usp.br.

“Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão”, escreveu Clarice Lispector¹⁴¹. Ao olhar para o repertório clariceano, notamos que exemplos de personagens marginais não faltam, sobretudo no universo feminino. Com um olhar especial a existências que vivem à sombra, a autora criou personagens que, a despeito de sua pouca importância aparente, acabaram iluminando os ambientes ao seu redor. Assim, partindo das dificuldades que uma mulher idosa enfrenta no cotidiano, Clarice trouxe ao nível do discurso questões como a vaidade e a falta de empatia.

Tomando esse contexto como base, o primeiro conto analisado no estudo a que se refere aqui é “Feliz Aniversário”, do *Laços de Família* (1960). Trabalhando questões familiares, nesse volume Clarice dá vida a personagens comuns, lançando aos contextos banais em que são inseridas um olhar revelador, encontrando na monotonia da vida ordinária uma espécie de libertação a partir de um lance repentino de iluminação. Segundo Nunes (1995), há nesses contos uma tensão conflitiva que leva a uma ruptura entre personagem e mundo, que pode se dar de maneira súbita ou se manter como uma crise do início ao fim. Ele destaca ainda dois recursos recorrentes na obra de Clarice, sendo eles “a potência mágica do olhar e o descortínio contemplativo silencioso” (NUNES, 1989, p. 88).

Como o próprio título do primeiro conto sugere, trata-se de um aniversário – os 89 anos de Dona Anita, que observa calada a reunião dos parentes. Ao longo da narrativa, somos apresentados à sala onde acontece a reunião, decorada tal qual numa festa de criança. Em meio ao ambiente ruidoso dos parentes que falam alto entre si, mas ignoram a velha, que aparece fora do esperado protagonismo aniversariante, vamos conhecendo os pensamentos da matriarca, que se mantém impassível à cabeceira da mesa, lançando um olhar de desprezo a seus descendentes. Ao mesmo tempo, temos acesso ao descontentamento de Zilda, filha a quem coube cuidar da mãe como uma criança; vale ressaltar, porém, que o processo de infantilização da idosa se resvala num processo de objetificação, em que ela é tratada quase como um objeto da casa.

No momento de cortar o bolo após os parabéns, é feita a primeira referência explícita à morte na narrativa, comparando o movimento da espátula ao da pá de

141 Citação retirada da introdução a “Fundo de gaveta”, que integrava a segunda parte da edição original do livro *A Legião Estrangeira* (1964).

terra que se lança sobre o caixão; outras referências à morte aparecem nesse e em outros contos, de forma mais ou menos explícita. Num movimento ascendente, o desprezo de D. Anita em relação aos familiares resulta num acesso de cólera e a aniversariante cospe no chão, insulta os familiares e exige um copo de vinho, constringendo os convidados que mantêm as máscaras da artificialidade. Nesse contexto, a única figura que se destaca é Cordélia¹⁴², nora mais jovem da idosa e mãe de Rodrigo, único neto que considera carne de seu coração. Cordélia, segundo Martin (2015), configura um ponto de fuga da realidade alienada, já que ao observar D. Anita assume um movimento de entendimento – como se compreendesse o que é envelhecer. E viver. “É preciso que se saiba, é preciso que se saiba. Que a vida é curta, que a vida é curta” (LISPECTOR, 2016, p. 189). Ao ir embora, olha mais uma vez para a sogra para tentar encontrar algo de vital, mas a mulher era, então, só uma velha à cabeceira da mesa.

Esse esvaziamento de funções que vem com a velhice (perda do papel de mulher, mãe e provedora) será observado também nas próximas narrativas, bem como o silêncio expressivo e o olhar do outro ao envelhecimento, tão presentes em “Os Laços de Família”, publicado no mesmo volume. O conto tem início com Catarina e sua mãe, Severina, dentro de um táxi que as levaria até a estação de trem, de onde a idosa partiria após uma temporada na casa da filha. No banco de trás do carro, Severina pergunta repetidas vezes se não havia deixado nada para trás. Entretanto, se num primeiro momento fica a impressão de que se trata de um esquecimento comum à velhice, logo percebemos que a insistência em falar sobre amenidades talvez seja uma tentativa de encobrir o silêncio entre as duas, diminuindo um constrangimento. Em meio a esse contexto, o táxi sofre uma freada brusca e as duas personagens são jogadas uma contra a outra, fazendo-as entrar em contato – um contato há muito tempo perdido. Nesse momento, toda tentativa de permanecer na superficialidade do discurso se esvai e Catarina percebe, num relance, que a mãe envelhecera.

“Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe” (LISPECTOR, 2016, p. 220). O toque entre os

142 Importante citar Cleusa R. Passos em *Clarice Lispector: os elos da tradição* (1991), onde trabalha a intertextualidade entre “Feliz Aniversário” e *Rei Lear*, tragédia de Shakespeare. No ensaio, Passos aponta uma relação de semelhança entre o comportamento da Cordélia clariceana e da Cordélia inglesa a partir da imagem do silêncio frente a decrepitude do idoso.

corpos ilumina os laços estirados pelo distanciamento, como se aquele clímax as obrigasse a notar a existência da outra, sobretudo a filha, que passa a reparar verdadeiramente na mãe. Sobre a noção de um tempo em que se tem pai e mãe, podemos entender que se trata de tê-los enquanto protagonistas de suas funções na paternidade e na maternidade, o que o passar dos anos acaba por esvaziar.

Depois desse choque, mãe e filha não se olham mais, apenas se espiam até o momento em que Severina entra no trem e Catarina vê a mãe pela janela. O silêncio mais uma vez se faz gritar e a filha chama Severina de “mamãe”, perguntando a si mesma o que elas estavam esquecendo. Ao dizer isso, de forma infantilizada, é como se o contato corporal tivesse lembrado à filha que aquela mulher – aquela velha – era uma figura materna, a *sua* figura materna. O trem parte e Catarina volta para casa. Ao chegar, vai até o quarto do filho, pega o menino pela mão e sai para passear, de forma impetuosa, demonstrando a necessidade que passa a ter de reforçar os laços com a sua criança, não deixando espaço para nenhum estranhamento. Para que não acontecesse entre eles o que havia acontecido entre ela e Severina.

No terceiro conto, “O Grande Passeio”, do livro *Felicidade Clandestina* (1971), conhecemos a história de Margarida, cujo apelido era Mocinha. Trata-se de uma idosa que mora num quartinho dos fundos na casa de uma família que não fica clara se é a sua, tamanho o desprezo com que é tratada. Um dia, é mandada para Petrópolis, onde deveria pedir abrigo em outra casa (possivelmente com outros familiares). Com a notícia da viagem – do grande passeio – Mocinha sentiu, como há muito tempo nada sentia. A excitação era tamanha que era “como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água” (LISPECTOR, 1998, p. 31). Durante a viagem de carro, a personagem mal tinha reações. Não conseguia responder, não tinha forças para sorrir e acabou dormindo. Ao acordar, recebeu instruções de como ir sozinha até a casa de um homem chamado Arnaldo e do que falar a ele. Já dentro da casa, a espera ainda é nebulosa, confusa, tal qual a mente de Mocinha, que recebe uma dura resposta negativa de Arnaldo, bem como dinheiro para voltar, sozinha, ao Rio de Janeiro.

Aqui, é interessante pensar como as falas de Arnaldo parecem refletir o que acontece no macrocosmo. Ao ser dotado de voz num conto cuja predominância é do discurso indireto livre, ele assume um poder que não é dado a Mocinha, já que ela quase não tem falas. Assim, ao não ter voz no discurso ela também não tem vez na vida. Mocinha agradece e sai, andando cada vez mais para longe da estação que a

levaria ao Rio de Janeiro. “Sorriu como se pregasse uma peça a alguém: em vez de voltar logo, ia passear um pouco” (LISPECTOR, 1998, p. 37) e, ao se sentar numa pedra para descansar, morre. Apesar do abandono e da dupla rejeição, Mocinha morre passeando. Seria esse, então, “o grande passeio” que dá título ao conto? Ou podemos, de forma mais subjetiva, atribuir a ideia de passeio à morte?

Aqui, notamos que o silêncio expressivo e a morte como pano de fundo se fazem presentes mais uma vez, bem como a objetificação da idosa, alojada e levada de uma casa a outra, como um estorvo que se deve passar à frente – aspectos também presentes no último conto trabalhado, “A Partida do Trem”, do livro *Onde Estivestes de Noite* (1974). A história narra a viagem que Dona Maria Rita Alvarenga Chagas Souza Melo, de 77 anos, faz acompanhada por Angela Pralini, uma mulher mais jovem e até então desconhecida por ela. Vale pensar no sobrenome da protagonista: muitas vezes oculto nas narrativas, aqui ele remete a uma posição social de prestígio que não anula os efeitos da velhice. A narrativa tem início antes da partida do trem, mais uma vez mostrando o deslocamento da personagem idosa, enviada da casa de uma filha à residência do filho, evidenciando novamente a coisificação da mulher velha. “Sou como um embrulho que se entrega de mão em mão” (LISPECTOR, 2016, p. 454), diz, revelando sua total consciência em relação à posição em que a velhice a coloca, apesar de sua boa situação financeira.

Apesar da narrativa se dar através do diálogo entre D. Maria Rita e Angela (de quem parte o olhar para o envelhecimento), é a falta de comunicação – mais uma vez, o silêncio – que entristece a idosa. “Não sei porque, mas ninguém conversa mais comigo. E mesmo quando estou junto das pessoas, elas parecem não se lembrar de mim. Afinal não tenho culpa de ser velha” (LISPECTOR, 2016, p. 462).

Ao longo da pesquisa realizada até o momento, portanto, foi possível notar que o silêncio expressivo é uma linha de força muito importante em todos os contos, ora destacando a “incomunicação” entre as personagens, ora revelando o esvaziamento do lugar de fala da mulher que vem com o envelhecimento. Da mesma forma, o esvaziamento de suas funções sociais e familiares é outro mecanismo que chama a atenção: ao envelhecer, deixa-se de ocupar um lugar de mulher e de mãe para ser apenas uma idosa, alguém cuja fala não é considerada, pois perde-se a função de prover (ao deixar de ser uma força produtiva) e de saber (ao ser considerada destituída das faculdades mentais em pleno funcionamento). A objetificação da idosa é, também, um aspecto importante nas narrativas, estando

atrelado ao processo de perda das funções mencionado acima – ao deixar de ser mulher e mãe, torna-se uma velha que precisa ser alojada, levada, cuidada, abandonada. Por fim, vale lembrar dos signos da morte, tão presentes em diferentes camadas nos contos estudados, tendo a melancolia como pano de fundo das histórias, com a figura da idosa sempre fadada à exclusão e, em última instância, à morte.

Referências bibliográficas

LISPECTOR, C. *Felicidade Clandestina*. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1998.

_____, C. *Todos os Contos*. Organização de Benjamin Moser. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 2016.

MARTIN, V.L.R. “Velhice e exclusão social em contos de Clarice Lispector e Mia Couto”, *Todas as letras Z*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 127-135, maio/ago, 2015

NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. Editora Ática: São Paulo, 1989.

PASSOS, C.R. Clarice Lispector: os elos da tradição. *Revista USP*, São Paulo, n. 10, p. 167-174, jun/ago 1991.